

De uma vida à outra: a escrita da memória em Plínio Doyle

Rosângela Florido Rangel¹

Resumo

Leitura de dois momentos do registro da vida literária realizados por Plínio Doyle: a escrita memorialista e a construção da figura dirigente de autor das atas do sabadoyle. Em 1935 Plínio começou a trabalhar com o editor José Olímpio, além de atuar no escritório de advocacia de Haroldo Valadão, José Carlos Coelho da Rocha e de San Tiago Dantas. Da sua relação com José Olímpio, Doyle conheceu muitos escritores, e também recebeu a doação de manuscritos descartados pela editora após a publicação. No ano de 1999, publicou um relato da sua trajetória profissional e intelectual, obra de caráter memorialístico, intitulada *Uma vida*. Análise da obra a partir de instrumentais teóricos sobre a escrita da memória. Em contraponto, a leitura das atas do sabadoyle a fim de perceber o dispositivo memorialístico que organiza o registro das reuniões. Discutirei a possibilidade de Plínio ser o autor dessas memórias do sabadoyle pelo compartilhamento do espaço da escrita das atas já que, como proponho, os autores das páginas das atas escrevem *com* Plínio Doyle.

Palavras-chave: Plínio Doyle; biografia; autobiografia; sabadoyle; *Uma Vida*; memórias.

Introdução

Plínio Doyle surpreendeu em 1999 ao apresentar *Uma vida* a todos que o conheciam mais intimamente. O livro de memórias teve sua origem nas gravações realizadas para um ensaio de história oral da Fundação Casa de Rui Barbosa, concebido por meio de entrevistas realizadas por Isabel Lustosa e Homero Senna. A partir das transcrições das entrevistas, Plínio Doyle partiu para inserções e correções no texto, proporcionando maior volume ao propósito inicial. Desse modo, a alternativa seguinte passou a ser um texto memorialístico que abraçasse o percurso da sua trajetória. A partir daí, o que se tem como o texto final contempla os sete capítulos do livro. Nas páginas de *Uma vida*, Doyle pôde dar o testemunho dos fatos da sua intimidade, como também aqueles ligados à sua esfera pública. Como ocorrem com os autores de memórias, os fatos relatados podem ser confrontados com as inúmeras fontes de informações existentes. No caso específico de Plínio Doyle, essas informações faz parte dos

¹ - Doutoranda em Literatura Comparada pela UERJ e chefe do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa.

documentos e livros por ele colecionados que constituem o seu arquivo pessoal e a sua biblioteca, hoje pertencente à Fundação Casa de Rui Barbosa.

Doyle sentiu a necessidade de narrar a sua vida a partir de 1993, durante o processo de entrevistas, porém, a necessidade do registro escrito ficou mais evidente, à medida que relembra os fatos da sua história. Sendo ele um homem que colecionou livros, documentos e registros os mais variados sobre o seu universo de interesses, não é sem sentido a elaboração de sua autobiografia. Na *Nota Prévia* do seu livro esclarece que “nunca teve o hábito de anotações ou diários, e tudo o que está dito a seguir, salvo referências a datas e livros, foi puxado da memória, nas longas noites e nos momentos de solidão; nada foi inventado, ao contrário, teve sempre a preocupação de ser exato e verídico”. No texto, invoca também a ajuda que recebeu de sua filha Sonia Doyle “que reavivou lembranças de episódios que lhe havia contado anteriormente.”

Embora se trate de um estudo comparativo entre duas formas de narração da vida, as memórias e a autobiografia, a definição por Philippe Lejeune para autobiografia, ou seja, a “narrativa retrospectiva em prosa que alguém faz de sua própria existência, quando focaliza especialmente sua história individual, em particular a história de sua personalidade” pode ser inteiramente empregada no caso de Plínio Doyle. O processo de entrevistas realizado com ele foi de primordial importância para a composição de *Uma vida*, pois ao lembrar os fatos de sua infância, passou a contar também os momentos políticos que ocorreram na cidade do Rio de Janeiro, nas décadas de 1910 a 1930, que misturados às suas lembranças compõem a trajetória de vida explicitada nos capítulos de seu livro. A narrativa da vida em Plínio Doyle mostra-se tradicional no sentido de acompanhar o desenrolar dos acontecimentos de sua vida íntima e pública, ou seja, partindo da sua infância em família, enumerando as atividades dos seus pais, dando a conhecer aos seus irmãos, passando pelos colégios em que estudou, e chegando à fase de ingressar na Faculdade de Direito. Caminhando ao lado da narrativa, Doyle vai lembrando os muitos acontecimentos sociais e políticos de importância histórica e acontecidos nos períodos retratados, qual seja, as notícias sobre a I Guerra Mundial, a Revolução de 1922 e o enterro de Rui Barbosa, entre outras. *Uma vida* constitui a trajetória de Doyle desde a sua infância até após a sua aposentadoria do Serviço Público.

Assim, o narrador vai aos poucos incorporando a sua narrativa os acontecimentos sociais e políticos do seu tempo. Visto de outra maneira, o narrador não consegue dissociar suas lembranças pessoais das outras coletivas. Segundo Freud (Foucault, 1967) o nosso pensamento está constantemente ativo, povoado de múltiplos acontecimentos simultâneos, que são constantemente resgatados por uma vontade que se impõe sobre as outras. Nesse sentido, o narrador vai criando uma ordenação lógica aos seus múltiplos pensamentos. A mais

aceita, de comum acordo com o organizador, é a ordem que vai prevalecer em sua autobiografia, sendo a mais frequente a ordem cronológica dos fatos e acontecimentos da vida do biografado.

À ilusão uma vida organizada, temos em contrapartida uma narrativa lógica, que apresenta no começo uma origem, de duplo sentido de ponto de partida, ou seja, um propósito para essa vida narrada. Depois, um princípio, ou uma razão de ser, e por fim um término, que é também um objetivo. O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, propõe acontecimentos que mesmo sem terem acontecidos em sequência, pressupõe um encadeamento lógico e cronológico. Segundo Bordieu, o narrador e os fatos narrados estão em constante busca para o sentido da existência narrada. Dessa forma, podemos verificar no livro *Uma vida* os seguintes enunciados que comprovam as considerações de Bordieu: “Nasci às 10:30 horas da manhã de uma segunda-feira,... Na noite desse dia, de lua cheia, foi anunciado um eclipse total da lua para o dia 2, fato da maior importância, mas que evidentemente eu não apreciei.” (P.19). Esta narrativa busca a semelhança com o real, e ao mesmo tempo, o narrador vai construindo um personagem que o possibilite falar de si. A narrativa para funcionar impõe a existência de um personagem que dê conta das ações da história. Ele vai incorporando na sua narrativa de vida os fatos sociais e históricos para lhe dar maior relevância e corroborar, em certo sentido, a uma trajetória por ele idealizada ou imaginada. Plínio Doyle insere em seu relato de vida informações do seu interesse pessoal, como a seguinte com relação ao eclipse mencionado anteriormente: “Essas informações foram tiradas do excelente *Almanaque Brasileiro*, volume de 1906, da livraria Garnier, publicação que existiu de 1903 a 1914, a princípio dirigida pelo Barão de Ramiz Galvão e depois por João Ribeiro”. Há, em certo sentido, uma ação elaborada para configurar à sua existência, desde o início, uma busca pela pesquisa, a literatura e suas ações. A própria narrativa de uma vida impõe a existência de um personagem, senão não seria possível narrar. Em *Uma vida*, o personagem seleciona passagens da História, localiza nomes de instituições, descreve as ações ocorridas na cidade, como, por exemplo, o trote dado aos calouros da faculdade de direito em 1927 que consistia em pagar chopes aos veteranos nos bares da cidade, e a depredação do edifício onde funcionava o jornal *A Noite*, na Praça Mauá, durante a Revolução de 30, assistida por ele enquanto soldado do Exército servindo no Batalhão Acadêmico. Há um genuíno interesse em descrever como era a vida nos primeiros anos do século passado, permanecendo no livro muitas passagens semelhantes que colaboram com o personagem Plínio Doyle em sua narrativa de vida. O leitor é assim convidado a ler não apenas história de uma vida, mas também a história de uma época que não existe mais.

A autobiografia e a biografia

Reunindo os fatos na sua pesquisa com as referências a datas e livros, Doyle montou a sua retórica da maneira clássica de narrar. Ele utilizou o fluxo de consciência, no qual lembrava seus momentos pessoais mais importantes, e por isso mesmo os que ficaram mais em evidência na sua memória, contrapondo ao tempo cronológico dos acontecimentos sociais e políticos do seu tempo. Havendo a necessidade de esclarecimentos aos fatos, ele procurou a sua comprovação dentre as inúmeras fontes de documentação disponíveis que acumulou ao longo da vida. Na intenção de narrar a sua vida Plínio Doyle preencheu o requisito de que nos fala Pierre Bordieu, em seu texto *A ilusão biográfica*, o de que a vida somente é possível de ser entendida a partir da sua narrativa, ou seja, passamos a ter uma vida somente depois de realizarmos a sua narrativa. Nesse sentido, passamos a existir quando somos narrados, e conseqüentemente contamos com a possibilidade de organizar uma vida diante da sua narrativa.

Em consequência da narrativa, o que diferencia a autobiografia de Plínio Doyle de suas memórias, atenta para o fato de que ele buscou falar de si, em todos os aspectos, de maneira abrangente elencando cronologicamente os fatos desde o nascimento até depois da aposentadoria. Ao passo que as memórias ficam relacionadas a um determinado período de tempo, ou até mesmo, em momentos nos quais o narrador não esteve envolvido diretamente. Segundo Bordieu, a autobiografia reúne as histórias contadas por um indivíduo comum, apresentando fatos cotidianos de sua vida, arrumados em uma sequência de encadeamento de experiências vividas, e que pretendem organizar-se segundo relações inteligíveis. Sem dúvida, o relato autobiográfico se preocupa em dar sentido a narrativa de vida.

Plínio Doyle, no capítulo sobre a formação da sua biblioteca, informa com começou a formar a sua coleção, intercalando com uma palestra na Biblioteca Nacional sobre o colecionismo de livros, e depois, retornando à narrativa quando comenta as principais obras da sua biblioteca. Essa arrumação do texto não comprometeu o efeito do real, pelo contrário, o leitor participa do pacto criado por Doyle de expor os fatos verdadeiramente ocorridos. Segundo Lejeune, as interrupções de tempo nas narrativas funcionam como técnicas de escrita para convencer o leitor sobre a vida que está lendo. Elas reforçam o efeito do real, vestindo o personagem com descrições mais detalhadas do relato de sua vida.

O biógrafo não conhece a vida emocional e inconsciente do personagem retratado, ao passo que o personagem inventado pelo autobiógrafo conhece inteiramente o sujeito da enunciação. Após a narrativa sobre a sua biblioteca, Doyle passou a contar sobre o sabadoyle, visto que esse existiu unicamente por causa da existência da biblioteca.ⁱ

Intenção autobiográfica - as atas

Em se tratando de Plínio Doyle, além de sua autobiografia *Uma vida*, contamos também com as atas do Sabadoyle, em certo sentido, para essa narrativa de vida mais abrangente. O Sabadoyle foi uma reunião de escritores e intelectuais ocorrida de 1964 até 1998, no recinto da biblioteca de Plínio Doyle. Em seu ambiente conversavam sobre literatura, artes, cultura e demais temas de interesse do grupo participante. A partir de 1972, as reuniões passaram a contar com a redação de atas, que reuniu no universo da escrita os temas do Sabadoyle. A escrita das atas foi compartilhada por todos os que lá estiveram reunidos, uma vez que a cada reunião era solicitado a um dos partícipes a escritura de uma ata, sempre a pedido da figura dirigente de Plínio Doyle. A solicitação para redigir uma ata partia de Doyle, com a clara intenção do registro da memória.

Percebe-se pela leitura das atas a determinação para se evitar temas políticos e religiosos. Nesse sentido, a atuação de Doyle, nos leva a crer, em uma condução da escrita, na qual o autor das atas passa a agir com Plínio Doyle, ou seja, por Plínio Doyle. Isso nos leva a pensar também em uma narrativa de memórias de Plínio Doyle, através da escrita compartilhada por aqueles que participaram das reuniões do Sabadoyle. Ao mesmo tempo, percebemos nas atas, a construção da imagem de intelectual para Plínio Doyle, conseqüentemente adicionada à personagem que narra a sua vida.

As autorias das atas do Sabadoyle, em certo sentido, podem ser percebidas mediante dois raciocínios: por um lado, cada ata possui um autor identificado por seu nome socialmente conhecido, e por outro lado, contamos com a figura de Plínio Doyle no comando da escritura das atas, e na sugestão da não adoção de certos temas, como por exemplo, política e religião. A esse comando exercido por Doyle, podemos perceber a justaposição da figura do escritor (aquele que escreve, porém não possui obra publicada) na figura do autor preponderante das atas do Sabadoyle. No salão do Sabadoyle podemos perceber “a distinção entre o indivíduo concreto e o indivíduo construído. A dimensão propriamente biológica da individualidade – que o estado civil apreende sob a forma de descrição e fotografia de identidade – está sujeita a variações segundo o tempo e o lugar, isto é os espaços sociais que lhe dão uma base muito menos segura do que a mera definição social” (Bordieu, p. 189). Sob esses aspectos, analisamos a figura de Plínio Doyle composta por dois lados, aquele que representa a sua atuação na vida pública como advogado, diretor da Biblioteca Nacional, criador do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, membro do Conselho Federal de Cultura entre outras atuações, que configuram as ações do indivíduo concreto em distintos espaços e tempos, com aquele que está definitivamente ligado a comandar as reuniões do Sabadoyle e com a intervenção direta na redação das atas. Esse se caracteriza como o indivíduo construído, ou seja, o principal autor do Sabadoyle, e aquele que determina o discurso das reuniões.

Sob esse aspecto podemos considerar a figura de Doyle como o produtor do discurso do sabadoyle, aquele definido como uma pessoa real socialmente responsável e produtor de um discurso, bem como a produção material desse discurso, ou seja, a redação das atas das reuniões. A essa definição costumam nominar de autor, portanto, temos então a figura de Doyle como o autor principal das atas do Sabadoyle. A função do autor inclui o discurso e a materialidade do texto. As atas do sabadoyle reforçam as ações de Plínio Doyle como dirigente das reuniões do grupo. Elas apresentam uma dupla leitura: por um lado representam a reunião ocorrida, e por outro, em textos ficcionais variados. Existe uma diferença significativa entre ler um documento como uma ata e ler uma página de ficção. Nas atas podemos perceber o efeito do real nas descrições mais detalhadas das figuras participantes das reuniões, de características da figura de Doyle, dos assuntos das atas, compondo com mais realismo a narrativa.

Conclusões

Analisamos a figura de Plínio Doyle em dois aspectos significativos, o primeiro como o personagem criado por ele mesmo para narrar a sua existência em *Uma Vida* e o segundo como o comandante da redação das atas do Sabadoyle. A partir dessa análise, podemos aliar os dois aspectos em um único objetivo, qual seja, o de demonstrar que o comandante da redação das atas colabora com o personagem que narra *Uma vida*, permitindo incluir maior realismo aos fatos acontecidos durante a existência de Plínio Doyle.

Segundo Lejeune, é fato que cada escritor constrói a sua biografia com base na rede imaginária tecida em favor de um lugar a ser ocupado na posteridade. Nesse sentido, a figura do autor cede lugar à criação da imagem do escritor e do intelectual, entidades que se caracterizam não só pela assinatura a de uma obra, mas que se integram ao cenário literário e cultural recomposto pela crítica biográfica. O contato literário entre escritores distanciados no tempo, e participantes da mesma confraria, fornece subsídios para que sejam feitas aproximações entre os seus textos estabelecendo-se feixes de relações que independem de causa factuais as que se explicam por semelhantes ou diferentes poéticas de vida e de arte.

Assim, a utilização das atas do sabadoyle para compor parte da autobiografia de Plínio Doyle permite ampliar o escopo de características do personagem criado a partir de uma perspectiva literária e cultural. A inserção das atas como apêndice para a leitura de *Uma vida* pode ser interpretada como um pacto de leitura no qual o traço biográfico de Plínio Doyle vai sendo a cada dia realçado.

Referências:

Artières, Philippe. Arquivar a própria vida. In *Escrita de si/Escrita da história. Estudos Históricos*, 1998.

Bordier, Pierre. A ilusão biográfica. In: Ferreira, M. e Amado, J. (Orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 183-91.

Chartier, Roger. *O que é um autor? Revisão de uma genealogia*. Tradução Luzmara Curcino e Carlos Eduardo Bezerra. São Carlos: EDUFSCar, 2012.

Dosse, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2015.

Doyle, Plínio. *Uma vida*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999.

Foucault, Michel. Nietzsche, Freud, Marx. In: *As palavras e as coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

Lejeune, Philippe. *O pacto autobiográfico. De Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2008.

Sibila, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo/Paula Sibila*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

ⁱ A autobiografia (narrativa que conta a vida do autor) pressupõe que haja identidade de nome entre o autor (cujo nome está estampado na capa), o narrador e a pessoa de quem se fala. Esse é um critério muito simples que define, além da autobiografia, todos os outros gêneros da literatura íntima (diário, autorretrato, auto ensaio). *O pacto autobiográfico*. Lejeune.p.24.